



TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO SETOR VITIVINÍCOLA: EXPECTATIVAS E CONVICÇÕES DOS *STAKEHOLDERS*

Os agentes do setor vitivinícola europeu são fortemente a favor de uma transição agroecológica baseada na continuidade, sem rutura. Acreditam que as soluções existem e aceitam que as inovações varietais e a viticultura biológica façam parte deste processo de transição.

Alexandra Seabra Pinto¹, Eric Giraud-Héraud², Léa Lecomte Van Gelderen³, Isabel Rodrigo⁴

¹ Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária



² Institut National de Recherche pour l'Agriculture, l'Alimentation et l'Environnement



³ Bordeaux Sciences Agro



⁴ Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa



A garantia da *performance* do setor agroalimentar, a sua adaptação às alterações climáticas e a redução da sua pressão sobre os recursos naturais são partes importantes de uma mesma equação que se considera de resolução complexa. O debate sobre estes temas intensificou-se com a publicação do Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*) e com as diferentes estratégias que foram sendo concebidas para encontrar soluções para estas questões. É neste contexto que a agroecologia surge e se vai impondo no debate público, procurando repensar profundamente os sistemas agrícolas e alimentares para uma transição mais saudável e sustentável (Mauguin *et al.*, 2024:4).

A agroecologia é encarada como uma agricultura do amanhã que envolve uma transição dos sistemas de produção e que tem levado ao repensar das práticas em todo o setor agrícola, adaptando-se a diferentes condições, aos mercados e aos condicionamentos locais, nomeadamente aos ligados às alterações climáticas. Esta transição obriga a uma reflexão profunda que envolve todos os agentes dos diversos territórios. Este facto sublinha até que ponto a transição agroecológica tem uma componente humana essencial nas zonas locais, mas também nas cadeias de valor e nos sistemas alimentares (Batifol *et al.*, 2024).

Aos atores dos territórios vitivinícolas colocam-se hoje e no futuro próximo vários desafios, desde a rastreabilidade e qualidade dos vinhos, passando pela adaptação às alterações da regulamentação europeia sobre as condições de produção da vinha, a certificação e a rotulagem dos vinhos, bem como a responsabilização dos produtores que se traduz na adoção de novas práticas agrícolas tendo em vista a redução/eliminação dos produtos fitofármacos na vinha.

A substituição do atual paradigma, baseado no recurso sistemático aos pesticidas de síntese, por outro que responda às expectativas e necessidades sociais e ambientais é um grande desafio que se coloca ao setor vitivinícola (Seabra Pinto *et al.*, 2022). No momento presente, o modo de produção biológico e as medidas de luta genética, com base no uso de variedades resistentes às doenças

criptogâmicas da vinha, são duas possibilidades de resposta a este desafio. Naturalmente que sobre estas inovações há incertezas, sendo o debate, que envolve investigadores, técnicos, viticultores e, também, responsáveis pelas políticas do setor, em torno das mesmas, controverso.

O inquérito europeu “Vinha e Vinho”

Tendo em conta os vários desafios enfrentados pelas empresas vitivinícolas da região SUDOE (Sudoeste Europeu), investigadores, empresários e instituições de Portugal, Espanha e França estabeleceram uma relação de parceria consubstanciada num projeto de investigação europeu: VINOVERT – “Vinhas, Competitividade, Políticas Ambientais e Sanitárias das Empresas da região SUDOE – apoio à implementação de metodologias”, que decorreu entre 2016 e 2019.

No âmbito deste projeto, foi lançado o inquérito identificado com um título simples e genérico – “Vinha e Vinho” – com o propósito de não influen-

ciar as respostas dos inquiridos. O inquérito teve por objetivo conhecer as expectativas e as convicções dos intervenientes no setor vitivinícola relativamente a duas importantes questões:

- Quais são os desafios que, no futuro, a fileira vinho e vinha terá que enfrentar?
- Que meios de ação são relevantes e convincentes para tornar possível a transição agroecológica?

O questionário foi distribuído ao público-alvo do inquérito:

1. profissionais do setor vitivinícola (associações de agricultores, organizações de produtores, interprofissões, etc.);
2. empresas fornecedoras do setor;
3. o setor da produção no seu conjunto (explorações vitícolas, cooperativas, grandes empresas privadas de produção/comercialização fora do sistema cooperativo);
4. instituições (administração pública, com exceção da investigação, comissões vitícolas);
5. investigação.

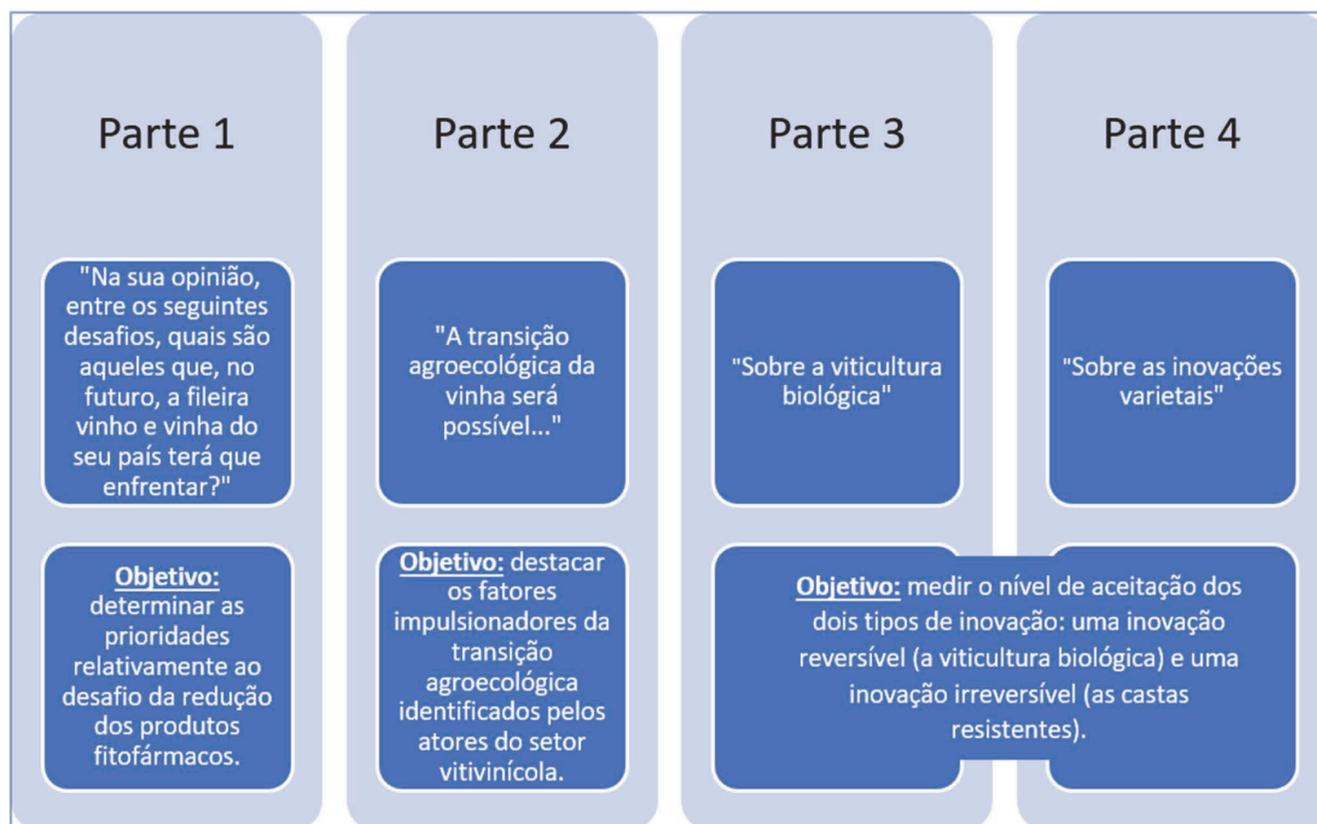


Figura 1 – Estrutura do questionário e principais objetivos.

Como mostra a Figura 1, o questionário dividiu-se em quatro partes independentes. Cada parte é composta por 11 a 22 propostas. Os participantes foram convidados a dar a sua opinião sobre cada uma das propostas utilizando uma escala *Likert* de cinco pontos: “concordo totalmente”; “concordo”; “nem concordo nem discordo”; “discordo”; “discordo totalmente”.

A escala de *Likert* foi concebida para tornar o preenchimento do questionário rápido e intuitivo, estruturado como uma série de perguntas fechadas de escolha única. Esta escala permitiu que o respondente adotasse uma posição neutra, graças à posição central “nem concordo nem discordo”. Desta forma, os inquiridos eram livres de não rejeitar nem aceitar as propostas que lhes eram apresentadas.

O objetivo da primeira parte do inquérito foi saber de que forma os desafios ligados à redução dos pesticidas são considerados prioritários em relação a outros desafios do setor vitivinícola. Foram apresentadas 22 propostas consideradas credíveis para o futuro do setor vitivinícola. A apresentação e discussão dos resultados desta parte do inquérito encontram-se no trabalho de Beber *et al.*, 2023.

A segunda parte do inquérito foi construída com o objetivo de destacar os meios de ação identificados pelos atores do setor vitivinícola que poderiam tornar possível a transição agroecológica na viticultura. Doze propostas diferentes foram sugeridas aos inquiridos. Algumas destes meios são internos, ou seja, o sistema de produção é a força motriz da mudança; os outros meios são externos, ou seja, a força motriz da mudança é exterior ao sistema de produção. Trata-se, portanto, tanto de concluir sobre a natureza dos meios considerados relevantes, como sobre o posicionamento da força motriz da mudança, tal como previsto pelos inquiridos: a mudança deve ser feita pelo e para o sistema de produção, ou em resposta a uma procura, sob restrições regulamentares?

Finalmente, a terceira e a quarta partes tratam das duas inovações estudadas no âmbito do projeto VINOVERT: as castas resistentes e a viticultura biológica. Argumentos que apoiam ou, pelo contrário,

apresentam os pontos fracos destas inovações foram propostos aos inquiridos. O objetivo foi medir o nível de aceitação dos inquiridos, bem como os pontos de rejeição de cada uma destas inovações.

O inquérito recebeu 1035 respostas, 882 das quais estavam completas, tendo as respostas incompletas sido utilizadas para análises parciais. Destas respostas, 58% vieram de profissionais, 15% da investigação, 10% de instituições e 17% de nenhum destes três grupos.

Foi decidido alargar o território de análise para além das fronteiras delimitadas pelo programa *Interreg SUDOE*; a Itália foi acrescentada aos três países que compõem a área estudada no programa. Assim, o questionário foi traduzido em quatro línguas: espanhol, português, italiano e francês.

Uma transição progressiva cujos principais meios estão nas mãos dos viticultores

Na segunda parte do inquérito foi proposto aos atores do setor que julgassem a viabilidade de diversos meios de ação impulsionadores da transição agroecológica. Nenhuma das propostas foi rejeitada de forma esmagadora nem foi considerada irrelevante pelos inquiridos (Figura 2).

O teste estatístico de *Friedman* realizado sobre as respostas permitiu distinguir, por ordem de importância, três tipos de meios: (i) uma tomada de consciência acompanhada e coletiva por parte dos viticultores; (ii) o desenvolvimento de inovações acompanhadas de sistemas de ajuda e de incentivos financeiros; e (iii) constrangimentos externos, que se traduzem tanto em regulamentações e controlos como nas exigências dos consumidores e do público em geral.

Para mais de 85% dos inquiridos, a falta de consciência coletiva dos viticultores sobre as suas práticas é o atual obstáculo à transição agroecológica. Este meio de ação é considerado significativamente mais importante do que as inovações: a solução vem dos próprios viticultores e eles têm ferramentas suficientes para iniciar esta transição. Esta hierarquização das propostas é representativa da vontade de ver a transição agroecológica iniciar-se



Figura 2 – Avaliação das 12 propostas sobre “A transição agroecológica da vinha será possível se...”.

sem interrupções e com continuidade para todos os atores do setor vitivinícola.

As propostas que receberam o apoio menos unânime foram os meios externos vinculativos, como os que propõem um aumento da regulamentação ou dos controlos por parte dos serviços públicos, ou que respondem a novas normas do mercado a jusante. Este resultado está em consonância com os principais meios de ação: os atores do setor confiam mais na sensibilização interna do que nos condicionalismos externos. No entanto, as expectativas expressas pelos consumidores e cidadãos são também identificadas entre os fatores menos persuasivos. Os *stakeholders* valorizam mais o restabelecimento de uma ligação entre o consumidor e a indústria vitivinícola do que a adaptação das práticas às expectativas dos consumidores.

Este tipo de posicionamento sugere que o consumidor não é visto como um agente de mudança de pleno direito. Os atores do setor não acreditam nas forças do mercado e da sociedade. Estes resultados confirmam, mais uma vez, que a questão das práticas (nomeadamente enológicas) é visto mais como um constrangimento do que como uma oportunidade.

Os resultados não revelaram diferenças importantes entre os países e o setor de atividade dos inquiridos.

Viticultura biológica e castas resistentes: duas soluções credíveis?

As partes 3 e 4 tiveram por objetivo avaliar o nível de apoio do setor à viticultura biológica e à plantação de castas resistentes. Nestas duas secções, as opiniões dos inquiridos são menos claras do que anteriormente: em média, mais *stakeholders* adotaram uma posição neutra, respondendo “nem concordo nem discordo” às propostas que lhes foram apresentadas. Neste caso, afirmaram o seu apoio a ambas as soluções. No entanto, alguns também identificaram as limitações: a utilização de cobre na viticultura biológica e os riscos das castas resistentes ligados à qualidade e à resistência às doenças. No que diz respeito à viticultura biológica (Figura 3), os respondentes reconhecem significativamente a força do logótipo biológico na sua associação a uma redução dos pesticidas para os consumidores. De facto, mais de 73% dos inquiridos concordaram (ou seja, responderam “concordo fortemente” ou “concordo”) com a afirmação “O biológico é o lo-

gótipo de certificação com que os consumidores de vinho estão mais familiarizados quando se trata de reduzir os pesticidas”. No entanto, 60% foram claros quanto ao problema da utilização de cobre na valorização da agricultura biológica pela sociedade, respondendo “concordo fortemente” ou “concordo” à afirmação “A utilização continuada de cobre é um verdadeiro problema para a credibilidade societal da certificação biológica”.

No entanto, a utilização de cobre não põe em causa a relevância da produção biológica de vinho para quase metade dos inquiridos. De facto, 48% discordaram (ou seja, responderam “discordo” ou “discordo totalmente”) da afirmação “O modo de produção biológico é menos pertinente para o vinho do que para outras produções agrícolas”. A possibilidade de adotar uma posição neutra permitida pela resposta “nem concordo nem discordo” possibilitou, *a priori*, excluir desta contagem os *stakeholders* que não têm conhecimento suficiente para comparar a produção deste tipo de vinho e outros modos de produção.

Além disso, os participantes rejeitaram esmagadamente a potencial incompatibilidade entre qualidade e vinho biológico. Quase 70% discordaram da afirmação “O vinho biológico dificilmente pode ser de boa qualidade”. Os *stakeholders* consideram que a certificação biológica na viticultura tem futuro. Não a veem como uma moda passageira e menos de 30% duvida da sua incompatibilidade com as alterações climáticas ou receiam que, no futuro, seja ultrapassada por certificações que realcem a naturalidade do produto.

Surpreendentemente, o apoio às castas resistentes foi bastante forte (Figura 4). De acordo com os resultados do teste de *Friedman*, a proposta “As castas resistentes são uma solução credível para alcançar uma importante redução do uso de pesticidas” é uma das propostas que tem significativamente mais apoio por todos os agentes e em todos os países. Mais de 70% dos inquiridos estão convencidos da eficácia desta inovação. Apenas 15% consideram que se trata de uma solução ilusória ou ultrapassada (baseada nas experiências negativas dos híbridos no século XX).

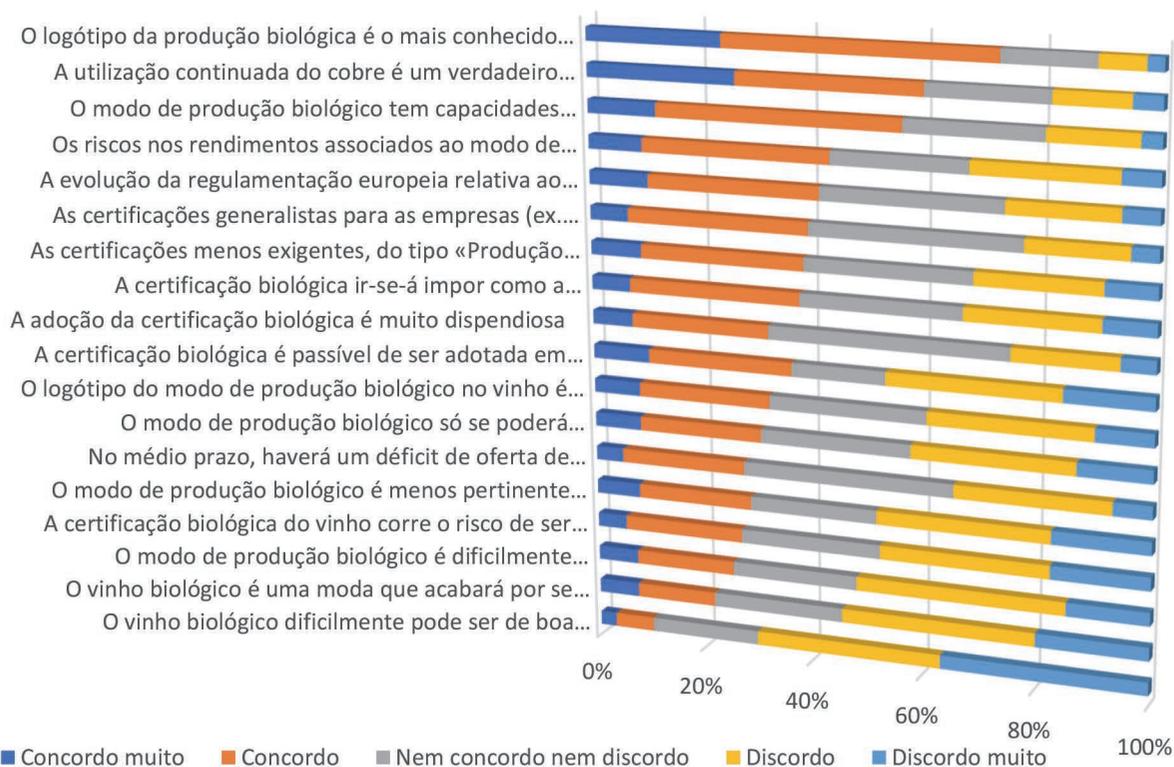


Figura 3 – Avaliação das 18 propostas “Sobre a viticultura biológica...”.

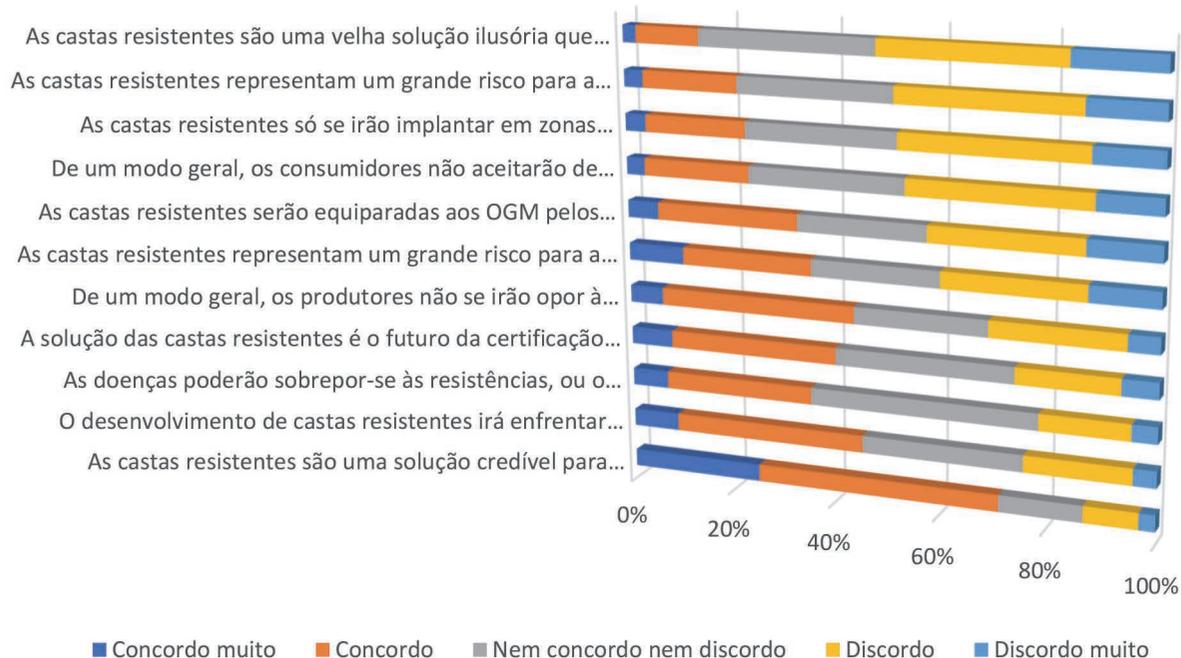


Figura 4 – Avaliação das 11 propostas “Sobre as inovações varietais...”.

No entanto, os participantes foram menos categóricos na sua apreensão dos riscos associados à utilização de castas resistentes. Como seria de esperar, dois tipos de risco estão geralmente associados à plantação de castas resistentes: (i) o risco de uma menor qualidade do vinho produzido e (ii) o risco de a resistência ser contornada por agentes patogénicos que se adaptam a ela, comprometendo assim a sustentabilidade da casta.

O risco de qualidade foi identificado (ou seja, responderam “concordo fortemente” ou “concordo”) por quase 36% dos inquiridos e rejeitado (ou seja, responderam “discordo” ou “discordo fortemente”) por cerca de 40% para os vinhos *premium*. Para os vinhos de gama média, apenas 20% identificaram o risco e quase metade rejeitou-o. Em ambos os casos, a proporção de inquiridos que adota uma posição neutra não é negligenciável, quer por falta de conhecimento sobre o assunto, quer por simples indecisão. Este primeiro risco não constitui uma fonte de preocupação importante para os intervenientes do setor vitivinícola interrogados.

O risco das doenças se sobreporem às resistências foi identificado por mais de 35% dos inquiridos e excluído por cerca de 22%. Mais de 40% dos inquiridos

adotaram uma posição neutra, optando pela resposta “nem concordo nem discordo”. Contrariamente ao que seria de esperar, este foi também o caso dos respondentes do setor da investigação. Este risco é, portanto, ignorado pelos participantes. Sendo o enunciado da proposição bastante explícito (“As doenças poderão sobrepor-se às resistências, ou o aparecimento de novas doenças ocorrerá mais depressa que a adoção massiva destas castas pelos viticultores”), a hipótese preferida para explicar esta posição neutra não negligenciável é a incerteza dos inquiridos face a este risco.

As quatro partes do questionário eram independentes, mas foi efetuada uma análise comparativa do nível de aceitação destas duas inovações. O objetivo aqui foi explorar o nível de aceitação da reversibilidade ou irreversibilidade de uma inovação como parte de um processo de transição identificado.

A avaliação das respostas relativas à eficácia das forças apresentadas para a transição agroecológica mostrou que os *stakeholders* sublinharam o desejo de uma transição baseada na continuidade, com os viticultores no comando. Perguntou-se-lhes sobre o seu apoio a duas inovações: a viticultura biológica e as castas resistentes. A viticultura biológica po-

de ser vista como um avanço reversível, enquanto a plantação de castas resistentes pode ser vista como uma solução irreversível. As análises cruzadas das partes 2 e 3, por um lado, e 2 e 4, por outro, mostram que, apesar do desejo de uma transição em continuidade, a solução irreversível das castas resistentes convence os participantes.

Para realizar esta análise, isolaram-se os participantes que “concordaram fortemente” que a sensibilização dos viticultores era uma força importante na transição agroecológica. Estes participantes são fortemente a favor de uma transição agroecológica baseada na continuidade, sem rutura. Acreditam que as soluções existem e que a falta de consciencialização por parte dos produtores continua a ser o principal obstáculo a esta transição.

Em seguida, foi pedido a este grupo de participantes que indicassem o seu nível de apoio à viticultura biológica, respondendo à proposição da parte 3 “A certificação biológica ir-se-á impor como a refe-

rência ambiental”, e o seu nível de apoio às castas resistentes, respondendo à proposição da parte 4 “As castas resistentes são uma solução credível para alcançar uma redução do uso de pesticidas”. Estas duas proposições foram escolhidas como indicadores de apoio a cada uma das inovações devido à sua generalidade: fornecem informações sobre o apoio global que pode ser transposto para cada grupo inquirido.

Menos de 45% destes inquiridos apoiam a certificação biológica na viticultura (ou seja, responderam “concordo fortemente” ou “concordo” com a proposta) e quase 30% discordam desta solução (ou seja, responderam “discordo” ou “discordo fortemente” com a proposta). Enquanto quase 70% destes inquiridos consideraram as castas resistentes uma inovação adequada, menos de 13% discordaram desta inovação.

Assim, apesar do forte apoio deste grupo de stakeholders a uma transição agroecológica em

PUB



O seu parceiro em filtração



www.multifiltra.pt

E-mail: multifiltra@multifiltra.pt

Tel.: (+351) 214 267 660

curso, uma vez considerada a solução das castas resistentes, esta convenceu a grande maioria dos participantes. Esta inovação é muito mais convincente do que a certificação biológica, embora esta seja reversível e esteja atualmente em fase de expansão, e mais familiar para os inquiridos.

Conclusões

A análise dos resultados do inquérito evidenciou (i) a hierarquização dos desafios atuais do setor vitivinícola para todos os participantes, (ii) as forças previstas para realizar a transição agroecológica do conjunto do setor e (iii) o nível de aceitação das inovações varietais e da viticultura biológica pelos atores do setor.

Os resultados mostraram também que as expectativas da sociedade e dos consumidores não são vistas como uma força motriz substancial por detrás da transição agroecológica. Os atores do setor vitivinícola não estão inteiramente convencidos do poder das forças do mercado e da sociedade.

Uma análise comparativa do nível de aceitação das duas inovações – castas resistentes e viticultura biológica – permitiu explorar mais amplamente a aceitação da reversibilidade ou irreversibilidade de uma inovação como parte de um processo de transição. Por um lado, a transição da viticultura convencional para a viticultura biológica, embora represente uma mudança global no sistema de produção de uma exploração agrícola, pode ser considerada uma inovação reversível. Com efeito, perante a ameaça de uma pressão sanitária importante, um viticultor que exerça a sua atividade de acordo com o caderno de encargos da agricultura biológica pode abandonar a sua certificação para limitar o risco de perda de rendimento.

Por outro lado, esta reversibilidade não é tão evidente com a adoção da segunda inovação estudada no projeto VINOVERT. A plantação de castas resistentes implica um desfasamento de vários anos entre a plantação e a produção, sendo que as vinhas só entram em produção três anos após a plantação. Para mudar os métodos de produção, o viticultor tem de arrancar a sua vinha resistente e plantar vinhas tradicionais, que só entrarão em produção

três anos mais tarde. Este prazo significa que as castas resistentes devem ser encaradas como uma inovação irreversível. Apesar desta característica, a solução da “casta resistente” foi a mais procurada e há claramente fortes expectativas nesse sentido, muito para além da certificação biológica, pelo menos na região SUDO. 🍷

Bibliografia

- Batifol, V.; Couix, N.; Giuliano, S.; Magrini, M-B. (2024). *Dictionnaire d'agroécologie*. Versailles, éditions Quæ, 228 p.
- Beber, C.L.; Lecomte, L.; Rodrigo, I.; Canali, M.; Seabra Pinto, A.; Pomarici, E.; Giraud-Héraud, E.; Peres, S.; Malorgio, G. (2023). The agroecological challenges in the wine sector: perceptions from European stakeholders. *Wine Economics and Policy*, **12**(2):103–120.
- Mauguin, P.; Caquet, T.; Huyghe, C. (2024). *L'agroécologie. Que sais-je?/Humensis*, 125 p.
- Seabra Pinto, A.; Pérès, S.; Raineau, Y.; Rodrigo, I.; Giraud-Héraud, E. (2022). Sustainable viticulture and behavioral issues: insights from VINOVERT project. In: Costa, J.M.; Catarino, S.; Escalona, J.M.; Comuzzo, P. (Eds) *Improving Sustainable Viticulture and Winemaking Practices*. Elsevier (Academic Press), 441–457.